

**COMUNIDADE QUILOMBOLA MUQUÉM: UM  
ESTUDO SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE  
NÚMERO ENTRE OS ELEMENTOS DO SINTAGMA  
NOMINAL DA FALA DE MORADORES DESSA  
COMUNIDADE**

*Carolina Neris Barbosa, Diogo dos Santos Souza, Eduarda  
Rocha G. da Silva, Ícaro de Carvalho B. Lopes, João Victor  
de Oliveira Araújo, Karlos Eduardo Alves de Carvalho, Lídia  
Maria Ferreira Dantas, Luzard Galvão P. Cândido, Valéria  
Moreira da Silva, Victor Mata Verçosa, Virgínia da Silva  
Santos, Wilker Luiz M. Barbosa. #  
Maria Denilda Moura, Telma Magalhães Viana. #*

## RESUMO

O presente artigo versa sobre o projeto desenvolvido pelo grupo Pet Letras sob a orientação da professora Dra. Maria Denilda Moura e da Prof<sup>ª</sup> Dra. Telma Magalhães. O projeto que foi iniciado no ano de 2009, passou por três etapas: 1<sup>a</sup> Levantamento de bibliografia; 2<sup>a</sup> Leitura e socialização dos textos; 3<sup>a</sup> Seminários. Depois de cumpridas essas etapas, fizemos duas visitas técnicas à comunidade. Para esse trabalho, usamos dois grupos de informantes, o primeiro formado por dois dos moradores de mais idade e o segundo, formado por adolescentes. Para a análise dos dados, levantamos a hipótese de que a ausência (parcial ou total) da concordância em nosso país, principalmente a nominal, poderia ser por conta da africanização em terras brasileiras. Outra hipótese é de que um dos fatores que poderia auxiliar para o acontecimento do fenômeno de marcação de plural apenas no primeiro elemento do SN seria a baixa escolarização. De acordo com os dados analisados, percebemos que a não-marcação do plural na fala de moradores da comunidade não apresentou uma concordância nominal de número específica, sendo semelhante a que encontramos em outras comunidades rurais. Portanto, concluímos que a ausência da marcação do plural não é um fenômeno que está diretamente atrelado ao processo de africanização do Português Brasileiro, uma vez que de acordo com os mesmos autores esse fenômeno já foi encontrado no PE antes mesmo de ele ser encontrado no PB.

**Palavras-chave: Muqué, concordância, variação, africanização**

## INTRODUÇÃO

Como inúmeros estudos feitos na área de lingüística, sobretudo aqueles feitos na Sociolingüística, vêm apontando que não dá mais para afirmar o ideal de que no Brasil temos unidade lingüística, uma vez que são encontrados diversos exemplos de comunidades de fala diferenciadas, sejam elas compostas por indígenas, imigrantes, ou ainda afro-descendentes, tornou-se necessário que a história de formação desse português brasileiro heterogêneo seja estudada e recomposta.

Atualmente, essa reconstituição vem sendo realizada por diversos pesquisadores integrantes do projeto nacional chamado

“Para a História do Português Brasileiro”, ou simplesmente PHPB, cujo coordenador é o Prof. Dr. Ataliba de Castilho – USP/ UNICAMP. Esse projeto tem como objetivo principal “organizar um projeto coletivo de caráter nacional” visando à busca de melhor conhecimento do português brasileiro, bem como sua evolução e miscigenação com línguas de origem indígena e africana. (MOURA, 2009)

O PHPB, que nasceu em 1997, integra equipes regionais que por sua vez desenvolvem projetos próprios sobre o olhar de diversas linhas de pesquisa em Linguística, como a Dialetoologia, da Socio-história Lingüística, da teoria gerativa, e de outras de cunho descritivo-interpretativo e crítico textual. (MATTOS e SILVA, 2000)

Nossa Universidade Federal de Alagoas (UFAL) também está incluída no PHPB por meio de um projeto denominado: “Síntaxe comparativa entre o Português Brasileiro e Línguas Crioulas de base lexical portuguesa”, criado e coordenado pela Profa. Dra. Maria Denilda Moura. Esse é o título atual do projeto da equipe de Alagoas, o anterior visava à organização do banco de dados de Muquém, uma comunidade remanescente do Quilombo dos Palmares. Infelizmente, não foi dada continuidade às nossas discussões sobre a nossa proposta, que visa à organização de um volume de estudos da Coleção Nacional do Projeto “Para a História do Português Brasileiro – PHPB”

Na primeira fase do projeto alagoano, foi dado início à pesquisa bibliográfica, documental e de entrevistas realizadas com moradores de Muquém (entrevistas estas gravadas, transcritas e armazenadas em computador), que pretendeu recuperar a origem dessa comunidade quilombola tendo em vista as várias versões existentes, ou identificar as versões adotadas pelos moradores, segundo a memória viva destes afro-descendentes. Todo o material coletado subsidiará estudos e análises lingüísticas e socioculturais sobre a língua utilizada pelos quilombolas, na tentativa de recuperar possíveis influências no léxico, em

construções gramaticais, arcaísmos, e outras, além de identificar formas de organização e de sobrevivência dessa comunidade. (MOURA, 2009)

Dentro dessa proposta, o grupo PET (Programa de Educação Tutorial) de Letras da UFAL, composto por 12 bolsistas, vinculado ao MEC-SESU, que tem como princípio desenvolver atividades em consonância com a tríade universitária (ensino, pesquisa e extensão), procurou desenvolver estudos em parceria com o grupo PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), coordenado pela professora e doutora Maria Denilda Moura, apresentando contribuições para o PHPB, buscando informações que dizem respeito ao fenômeno da concordância nominal de número na fala dos moradores de Muquém.

Segundo dados do IBGE, a comunidade de Muquém é constituída por 120 famílias remanescentes do quilombo dos palmares, e outras 11 que não são, totalizando uma população de 229 habitantes. Está localizada a 5 km de União dos Palmares, uma área de difícil acesso onde não há transporte coletivo regular, o transporte é feito através de carroças ou mesmo a pé, uma vez que a comunidade não possui nem ao menos asfalto.

Com relação à educação, existe apenas uma escola de ensino fundamental, chamada de “Pedro Pereira da Silva”, que dispõe somente de uma sala de aula para as séries iniciais do ensino fundamental, empregando o sistema multisseriado (as quatro séries iniciais todas juntas com uma única professora). Para as demais séries, os moradores são obrigados a procurar escolas em municípios vizinhos, principalmente em União dos Palmares. Esta escola está ficando de mais fácil acesso aos moradores mais velhos da comunidade, por meio do EJA (Educação de Jovens e Adultos) e do programa Brasil Alfabetizado.

A população sobrevive economicamente do corte da cana de açúcar, da agricultura e pecuária de subsistência e da produção de cerâmica utilitária e decorativa (SALGADO, 2009).

Em relação à origem do nome da comunidade, Moura afirma:

O nome intrigante que serve de identidade para esse povoamento pode ter sido dado por três razões: uma das versões recorrentes é que Muquém teria se originado de Moquém, que significa “grelha de varas para assar ou secar carne ou peixe”, ou instrumento fabricado pelos quilombolas e usado como armadilha nas chamadas aratacas, montadas naquela região para capturar prováveis invasores; outra versão dos moradores diz que este era o nome de guerra do primeiro homem a habitar aquelas terras; e por fim, existe a possibilidade de ele originar-se da expressão “amuquenhar”, esconder-se (MOURA, 2009, p. 34).

Sobre as histórias contadas acerca das origens do povoado, Moura comenta ainda que:

Conforme o relato dos moradores entrevistados, o surgimento da comunidade se deu há aproximadamente 150 ou 200 anos atrás, por ocasião da chegada do casal Casimiro Bezerra da Silva e Felícia Maria da Conceição (há controvérsias sobre os nomes do cônjuge, alguns deles acreditam que o homem era Leopoldino, também chamado de Muquém e a mulher chamava-se Camila Maria da Conceição), porém todos concordam que suas origens se devem ao advento de um casal. Defendem, ainda, que estes primeiros habitantes vieram da Serra da Barriga, após a queda do Grande Quilombo dos Palmares, para se “amuquenhar” nessa região, isto é, esconder-se – uma vez que a localidade já era conhecida por eles, por fazer margens ao rio Mundaú, uma de suas fontes de subsistência; ser local de passagem, caça de animais selvagens e pesca; usado ainda,

como ponto de emboscada, onde faziam armadilhas com o objetivo de surpreender possíveis inimigos; e de negociações noturnas com aqueles que quisessem trocar armas por alguns alimentos (MOURA, 2009, p. 31).

Exatamente acreditando que há muito que conhecer tanto acerca dos aspectos que dizem respeito à língua, quanto aos aspectos sócio-históricos da comunidade, no nosso caso os afro-descendentes (ou quilombolas), a fim de identificar possíveis influências sobre algumas variedades do português brasileiro (PB) nos debruçamos, no presente estudo, sobre tal questão.

### **A Sociolinguística**

Os estudos linguísticos em Linguística Histórica, no Brasil, tiveram destaque maior a partir da década de 80, motivados principalmente, pela questão da variação e mudança linguísticas desenvolvida especialmente pela proposta Sociolinguística, de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

A Sociolinguística é uma das áreas da Linguística que visa ao estudo da língua em uso no seio das comunidades de fala, ou seja, comunidades de fala específica e diferenciada, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. O termo Sociolinguística utilizado para designar uma área da Linguística, fixou-se em 1964, no congresso organizado por Bright. Este congresso que foi organizado na universidade da Califórnia contou com a participação de diversos estudiosos do campo da Sociolinguística, como por exemplo, Hymes que estabeleceu relações entre língua e cultura em seus estudos (propostas da Etnografia da fala), e Labov que por sua vez estabeleceu relações entre língua e sociedade.

No seu livro “Padrões Sociolinguísticos”, Labov (2008 [1972]) afirma que tanto a Sociologia da Linguagem, que “lida com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e dialetos”, quanto a Etnografia da fala, “que se preocupa mais com os detalhes da língua no uso real”, e também a Sociolinguística

Variacionista, que procura estudar a estrutura e a evolução da língua inserida no contexto social da comunidade de fala estudada, podem ser consideradas como áreas de estudo da Sociolinguística.

Sobre a Sociolinguística, Salgado complementa:

Desse modo, os estudos sociolingüísticos trouxeram relevantes contribuições para a Ciência Linguística. Entre elas, a confirmação de que a língua é heterogênea, mas possível de ser estudada sistematicamente; o desenvolvimento de métodos para se estudar a língua em uso, ou seja, a fala; a importância de trazer os fatores externos como fatores explicativos para determinados fenômenos linguísticos que não apresentavam explicações internas (ou linguísticas) e, por isso, eram considerados como variações livres, ou derivas (SALGADO, 2009, p. 24).

A Sociolinguística apresenta um caráter interdisciplinar, com o objetivo de encontrar propostas que levem em consideração alguns aspectos do comportamento humano que podem vir a influenciar a comunicação, como, por exemplo, classe social, gênero, idade, raça, etnia, redes sociais, identidade, política, ideologia, história, etc. (HERNÁNDEZ-CAMPOY & ALMEIDA, 2005)

Por volta dos anos 60, em seus estudos iniciais, Labov tentou elaborar um modelo teórico-metodológico que correspondesse aos pressupostos dessa linha de pesquisa. Assim, esse autor apresenta uma proposta que considera o estudo da língua em seu contexto social, levando em conta não somente fatores lingüísticos, mas também fatores extralingüísticos, adotando a língua falada como objeto de estudo, baseando sua análise em dados coletados de vários indivíduos, e que mostra a possibilidade de sistematizar a variabilidade encontrada na língua, utilizando-se de uma análise quantitativa que apresenta resultados baseados em

percentagem e probabilidade de uso das variantes (SALGADO, 2009).

Ao fazer a afirmação que, de fato, existe a chamada variação lingüística, Labov demonstra que existem variantes, ou seja, formas diferentes com o mesmo significado, e que, como há julgamento de valor dessas variantes, estabelecidas socialmente, uma forma pode ser tida como prestigiada e outras podem vir a ser estigmatizadas. Essa constatação contribuiu para pensar a noção de preconceito lingüístico, que vem sendo um assunto muito abordado por diversos estudiosos da língua, uma vez que se trata de algo muito sério, pois envolve não só questões da própria língua, mas também envolve questões políticas e sociais. Na verdade o que comumente vemos configurado em nossa sociedade é um sistema de preconceito que preza por uma unidade lingüística, além de muitas outras mitologias, fator esse que afeta todos os âmbitos sociais, principalmente os relacionados à questão do ensino de Língua Portuguesa.

Ainda sobre essa teoria, Coulmas (2002) aponta:

Um híbrido que se baseia na erudição lingüística e sociológica, a sociolingüística combina um interesse em estruturas lingüísticas com o reconhecimento de que examinar as dimensões sociais da língua exige métodos interpretativos que nos permitem compreender como a língua é reflexo de processos e de relações sociais e o que contribui para fazer a sociedade funcionar como funciona (Coulmas, 2002, p. 2).

Labov, então, mostra que a língua é ao mesmo tempo um produto social e individual e que a regularidade dos fenômenos lingüísticos pode ser visualizada por meio de amostras representativas e os fenômenos lingüísticos podem ser analisados quantitativamente, uma vez que “a aplicação da teoria de probabilidade nos dados nos permite extrair regularidades de maior ordem que governam variações na comunidade” (LABOV,



1994, p. 25, *apud*, SALGADO, 2009)

## **METODOLOGIA**

Para o projeto sobre a comunidade de Muquém, o grupo PET/Letras foi subdividido em três subgrupos que tratam de assuntos diferentes, a saber: a) Literatura oral b) Literatura de Cordel c) Concordância nominal de número.

O projeto que foi iniciado no ano de 2009 passou por três etapas: 1ª Levantamento de bibliografia referente ao tema; 2ª Leitura e socialização dos textos pelos integrantes do grupo; 3ª Seminários com os integrantes do grupo.

Depois de cumpridas essas etapas, fizemos duas visitas técnicas à comunidade. A primeira teve o intuito de conhecer o ambiente, os moradores da comunidade e estabelecer um contato entre pesquisadores e informantes. O grupo foi recebido pela líder comunitária Albertina que no primeiro momento apresentou a associação de moradores e sede da cooperativa, local que é utilizado para reuniões da associação, produção da cerâmica e venda de cerâmicas que constitui parte da fonte de renda local e ainda serve de palco para as festas da comunidade.

Ainda na primeira visita conhecemos a escola de Muquém que conta com uma sala e um anexo que funciona na casa de farinha, um banheiro e uma cozinha. Como a escola funciona no formato multisseriado a sala é dividida em duas e as aulas acontecem simultaneamente; no dia da visita pudemos listar ainda os equipamentos que a escola possui: uma televisão, um DVD e uma mini biblioteca, localizada na própria sala de aula, composta basicamente por livros didáticos. Neste momento da visita tivemos contato com duas professoras e uma merendeira.

O último ponto da visita foi a olaria do senhor José Edson, local em que ele produz e expõe suas obras de arte também feitas de cerâmica. Entre o percurso de um local para outro tivemos ainda a oportunidade de conversar com vários moradores e

estabelecer um vínculo mais próximo com a comunidade. Vale ressaltar que como o intuito da primeira visita era apenas conhecer a comunidade e seus moradores, o único material coletado foram fotografias. A primeira visita foi custeada com recursos dos próprios bolsistas e da Tutora.

Na segunda visita, conseguimos o reconhecimento junto à Universidade que subsidiou a nossa ida até a comunidade. O objetivo desta etapa era de coletar dados que serviram de base para este trabalho. Para tanto, o grupo se subdividiu em equipes menores cada uma responsável por captar a fala de uma determinada faixa etária, ficando da seguinte forma a divisão: uma equipe dirigiu-se à escola para entrevistar as crianças e as professoras; outra equipe gravou a fala dos moradores mais velhos e da líder comunitária e a última equipe entrevistou o cordelista do povoado. Para tanto, foram selecionados vinte e dois informantes, do sexo masculino e feminino, com as seguintes características: oito crianças na faixa etária entre seis e doze anos, cinco adolescentes e jovens na faixa etária entre quinze e vinte e cinco anos, quatro informantes na faixa etária entre trinta e cinco e cinquenta anos, e cinco informantes com mais de cinquenta anos.

Cumprir destacar que na última faixa etária pesquisada, foi entrevistado o homem mais velho da comunidade, na época com oitenta e quatro anos, assim como a mulher mais velha da comunidade, na época com oitenta e cinco anos. A partir do material coletado foi montado um banco de dados.

Após as visitas, foi feita a seleção do material a ser utilizado de acordo com a qualidade da gravação, informações prestadas pelos entrevistados e características pertinentes ao tema pesquisado. As entrevistas que corresponderam aos critérios de seleção passaram por um processo de transcrição ortográfica seguindo as normas estabelecidas pelo grupo de estudos PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos).

Para esse trabalho usaremos dois grupos de informantes, o primeiro formado por dois dos moradores de mais idade (dos

que aceitaram ser entrevistados) e o segundo formado por adolescentes.

Os informantes do primeiro grupo têm oitenta e um e oitenta e cinco anos respectivamente, e os informantes do segundo grupo têm ambos quinze anos. Vale destacar que essa escolha foi feita a fim de traçarmos um paralelo entre as duas faixas etárias e acompanhar se a concordância nominal de número se dá da mesma forma em ambos os grupos.

Os primeiros resultados dessa análise foram apresentados no simpósio “A Natureza Social da Linguagem: a comunidade quilombola Muquém no contexto da história social do português brasileiro” que aconteceu dentro da IV Bienal Internacional do Livro de Alagoas no Centro Cultural e Exposições Ruth Cardoso. Nesta ocasião o trabalho foi apresentado no formato de banner e contou com a avaliação dos professores presentes: Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho – USP/UNICAMP, Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Denilda Moura-UFAL, Prof<sup>a</sup> Dra. Clara Suassuna Fernandes-UFAL, Prof. Dr. Jair Gomes de Farias-UFAL, Prof<sup>a</sup> Dra. Telma Magalhães – UFAL.

Como já mencionado anteriormente a comunidade quilombola Muquém está localizada a 5 km da cidade de União dos Palmares, em Alagoas, é constituída por cento e dez famílias, perfazendo um total de mais ou menos quinhentas pessoas, segundo dados do IBGE.

O povoado Muquém é localizado em área de difícil acesso, em função da estrada não ser asfaltada, razão pela qual o transporte utilizado pelos moradores são carroças ou optam por fazer o caminho a pé. Outro fator que agrava ainda mais o acesso à comunidade e por vezes acarreta o isolamento deste povoado é que, como a comunidade fica às margens do rio, nas épocas de chuva a estrada fica totalmente alagada impossibilitando a entrada ou saída da comunidade Muquém.

Consideramos que este projeto que tem como público-alvo a comunidade de Muquém, que apesar de

reconhecida pelo Governo Federal como autenticamente Quilombola (documento de 02/03/2005 publicado do DOU, em 08/06/2005), carece de um estudo que favoreça o conhecimento de suas características linguísticas e socioculturais, assim como elementos que permitam identificar características próprias dessa comunidade, suas origens, tradições e as reais condições de vida dos descendentes quilombolas. Espera-se que este trabalho realizado e amplamente divulgado possa contribuir para que essa comunidade seja alvo de mais atenção, e que isso possa proporcionar melhorias em suas condições de vida, tais como: uma escola com salas de aula suficientes, área de lazer e recreação, refeitório e biblioteca; mais casas com saneamento básico, melhoria da estrada que dá acesso à comunidade entre outras coisas.

Por outro lado, como equipe integrante da Equipe Nacional do PHPB, espera-se, também, que Alagoas possa contribuir na recuperação ou reconstituição da História Social do Português Brasileiro.

## **OBJETIVOS**

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a concordância nominal de número na fala dos moradores da comunidade Muquém, contribuindo desta forma, para a formação sócio-histórica, cultural e lingüística desses moradores, e busca também contribuir para o projeto nacional do PHPB, levantando informações pertinentes relacionadas à reconstrução da história social e lingüística do Brasil.

Para chegar a esse objetivo, como mencionamos anteriormente, foram gravadas entrevistas com os moradores mais velhos e os mais novos, tendo em vista identificar aspectos da língua falada espontânea, visando buscar informações sobre a história da comunidade e sua realidade sociocultural. Teve também como objetivo, Realizar a transcrição de todas as

gravações feitas, buscando analisar nas falas desses moradores nosso objeto de estudo, a concordância nominal de número.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

A concordância nominal, segundo Coelho (1967), é um dos fenômenos mais frequentemente citados como sendo de origem crioula no português do Brasil. A ausência (parcial ou total) da concordância em nosso país, principalmente a nominal, poderia ser por conta da africanização em terras brasileiras. Segundo CUNHA (2003), podemos incluir entre as marcas lingüísticas características de comunidades rurais de ascendência africana o fenômeno da perda ou variação no uso de marcas flexionais, e também o de perda de concordância de gênero e de número, que como foi mencionado anteriormente, este último é nosso foco de análise.

Esse fenômeno de concordância de gênero e de número, também para PESSOA DE CASTRO (2005), pode ter sido originado pelos africanos e seus descendentes. Levando em conta a visão de que nas estruturas das línguas africanas do Tronco banto (grupo lingüístico africano de maior número durante o período escravista no Brasil), o plural dos nomes é “feito por meio de prefixos” e a marca de gênero é “desconhecida”. (SALGADO, 2009)

Ainda sobre esse fenômeno, Lucchesi comenta:

O português no Brasil sofreu alterações decorrentes de um processo de transmissão lingüística irregular mais leve, próprio de situações de um contato mais amplo do que se verifica nas situações específicas de crioulação: destacando-se, no caso brasileiro, dentre outros fatores, o elevado grau de mestiçagem (LUCCHESI, 2008, p.151).

Sendo assim, torna-se possível afirmar que os moradores

da comunidade quilombola Muquém apresentam esses tipos de variação e que isso pode ter sido acarretado por essa herança dos africanos a essa comunidade de afro-descendentes.

Ainda sobre o fenômeno de concordância nominal, buscamos conceitos encontrados em gramáticas normativas e selecionamos o presente na “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa”, de José Carlos de Azevedo, publicada em 2008 pela editora Publifolha, que diz que:

Diz-se que a base da construção *rege* a unidade que a expande. Segundo esta acepção ampla de regência, o substantivo rege seus determinantes bem como os adjetivos que se referem a ele, impondo-lhes seus traços de gênero e número (concordância nominal). [...] Segundo a formulação que acabamos de apresentar, um termo A rege um termo B sempre que a presença de B no contexto da oração depende da presença de A; em muitos casos, a própria forma de B é determinada por sua relação com A. Em sentido estrito, ocorre regência quando A requer a anexação de B, se A é um substantivo, um adjetivo ou um advérbio, temos regência nominal.

(AZERED

O, 2008, pag 150.)

A partir dessas posições, podemos encontrar esta situação de perda de traços na concordância nominal de número entre os elementos do sintagma nominal, doravante SN na fala de moradores da comunidade Muquém, como por exemplo, uma senhora com idade de 85 anos e analfabeta. Percebemos em sua fala a ausência do *s* na marcação de plural. A marcação do plural ocorre, na primeira posição do SN, vejamos:

(1)

. *Os canto* – eu num lembro não – meu Deus – *os canto*  
[MNC, F, I 85]#

a. Ô minha fia – era muita loiça – pa criá os *meu fio* – criei *dezesseis fio* [MNC, F, I 85]

b. Tem muita gente que fai loiça – ainda n'ê – e *os mai veio* cota cana – cotando cana *nas usina* [MNC, F, I 85]

foi um senhor de 84 anos e também analfabeto. Foi percebido também em sua fala a falta do *s* na marcação do plural, na verdade ocorrendo apenas na primeira posição do SN, como em:

(2)

(a) Meu pai nunca feiz casa não – a renti morava ar pé da grup – mai de maió – de que essa casa ostiada (hateada) aqui no chão – fazia aquele chapéu – assim morava cinco – *seis moradô* debaixo [JAS, M, I 84]

(b) É que rede – aquelas coisa [JAS, M, I 84]

(c) É dexaro de fazê festa é – dexaro de fazê festa – os véi dizia – óia – todo tempo qui nói morrê... [JAS, M, I 84]

Um dos fatores que poderia auxiliar a identificação do acontecimento do fenômeno de marcação de plural apenas no primeiro elemento do SN seria a baixa escolarização. Naro e Scherre (2007) afirmam que “o entendimento das diferenças do comportamento da concordância nominal são o grau de escolarização e/ou o contraste rural-urbano e não a procedência geográfica por cidade, estado ou região”.

Mas ao analisarmos a fala de adolescentes percebemos que mesmo com um maior grau de instrução escolar, pois os entrevistados possuem ensino fundamental completo e estão cursando o ensino médio, o fenômeno da não marcação do plural acontece na mesma proporção, embora com um pouco mais de ocorrências. Dessa forma, encontramos exemplos na fala dos entrevistados como:

(3)

(a) O qu'eu ouvi falá foi de: *negros refugiado* do Quilombo – aí se escondero aqui no Muquém - - aí se formô a comunidade atravéis *dos negro* [MCNS, M, I 15]

(b) Eu acho que ambos *os sexos* [MCNS, M, I 15]

(c) Hoje a – é – *as mulheres* tem direito de iscolhê – mais antes – eu acho que só podia iscolhê da comunidade só – *os homens* – só só podia iscolhê da comuidade – não podia iscolhê de fora – e hoje não [MCNS, M, I 15]

(d) *Pelos negro* – eu acho que – eles chegaram e: - e ficaram *pelos negros* – n' é [MCNS, M, I 15]

(e) Sei não – quantos anos – não [NDS, M, I 15]

Sendo assim observamos que o grau de escolaridade acaba fazendo diferença no fenômeno analisado. Apesar da presente análise, percebemos que a não-marcação do plural na fala de moradores da comunidade não apresentou uma concordância nominal de número específica, sendo semelhante a que encontramos em outras comunidades rurais, como afirma Naro & Scherre (2007). Portanto, concluímos que a ausência da marcação do plural não é um fenômeno que está diretamente atrelado ao processo de africanização do Português Brasileiro, uma vez que de acordo com os mesmos autores esse fenômeno já foi encontrado no PE antes mesmo de ele ser encontrado no PB.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados, chegamos à conclusão de que dois aspectos são de relevância em nosso trabalho: o primeiro toca na hipótese que a não marcação da concordância nominal seria devido à influência de línguas africanas, o segundo é a influência dos fatores sociais. Para tanto fizemos a análise da concordância dentro do sintagma nominal.

Ao analisar a fala dos moradores mais velhos, constatamos que os mesmos não realizam a concordância entre os constituintes do sintagma nominal, já os mais novos fazem uso da concordância mesmo que esporadicamente. Pode-se então associar este fenômeno ao fato dos moradores mais velhos serem descendentes de quilombolas e por consequência teriam sofrido maior influência



das línguas de origem africana. Uma vez que registros históricos contam que a língua utilizada nos quilombos era uma mistura dos dialetos de base crioula, indígena e do português de Portugal. Assim a não realização da concordância pode ser entendida como um vestígio da influência dessas línguas.

Por outro lado compreendemos, assim como Naro (2007), que a história não registra no Brasil a existência de qualquer forma do Português, crioula ou não, associada de modo exclusivo aos falantes de origem africana ou aos falantes de qualquer origem étnica. Sabemos também que o fenômeno apresentado ocorre em comunidades rurais isoladas, locais com baixo nível de escolarização entre outros aspectos que não levam em conta a etnia da comunidade.

Sendo assim, afirmamos que a ausência da marcação da concordância no sintagma nominal não é um fenômeno que está *diretamente* atrelado ao processo de africanização do Português Brasileiro, uma vez que de acordo com os autores já mencionados esse fenômeno já foi encontrado no Português Europeu antes mesmo de ser mencionado no PB.

Quanto à influência dos fatores sociais, com base na sociolinguística, percebemos que os fatores como faixa etária e nível de escolaridade são determinantes para a questão da marcação da concordância no sintagma nominal, uma vez que podemos constatar que os informantes mais novos e escolarizados fazem uso da concordância nominal, mesmo que esporadicamente. Já os informantes mais velhos e não escolarizados em nenhum momento realizam a marcação do traço de plural entre os elementos do sintagma nominal. No entanto, observamos que fatores como o sexo não influenciam este fenômeno. Concluímos reiterando a afirmação da sociolinguística de que as alternâncias de uso da língua são influenciadas por fatores estruturais e sociais.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2ª edição. São Paulo: Publifolha, 2008.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: Anna Chirstina Bentes; Fernanda Mussalin. (Org.). **Introdução à lingüística. Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortêz, v. 1, p. 21-47, 2001.

BRIGHT, W. **As dimensões da Sociolinguística**. In FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

COULMAS, F. Sociolinguistics. In: ARANOFF, M. ET AL (Eds). **The handbook of Linguistics**. Blackwell Publishing, 2002.

CUNHA, A. S. de A. **Presença e contribuição das línguas negro-africanas na constituição do português do Brasil: a alegada origem crioula e a variedade popular da língua falada nas terras de preto**. Anais da Abanne, São Luís, Maranhão, 2003<sup>a</sup>. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/gela/downloads/Cunha/ABANNE2003.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

FREITAS, Décio, 1992-2004. **República de Palmares: pesquisa e comentários em documentos históricos do**

**século XVII/ Décio Freitas – Maceió: Edufal: IDEÁRIO, 2004.**

**HERNANDEZ-CAMPOY, J. M. & ALMEIDA. Metodologia para el estudio de la variación: métodos de campo. In: \_\_\_\_\_. Metodologia de La investigación sociolingüística. Málaga: Editorial Comares, 2005.**

**LABOV, W. Padrões sociolingüísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1972)**

**LUCCHESI, D. A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais isoladas afro-brasileiras no contexto da história sociolingüística do Brasil. In: VOTRE, S. J. (Org.) ; RONCARATI,**

**CLÁUDIA (Org.) . Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica.. 1. Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/ FAPERJ, 2008. v. 1. 400 p.**

**MATTOS E SILVA, R. V. Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro. São Paulo: Parábola editorial, 2004.**

**\_\_\_\_\_. Orientações atuais da Lingüística Histórica brasileira. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, n. 15, p. 147-166, 2000.**

**MOURA, Denilda. Resquílios de Palmares: o que a comunidade quilombola nos diz. Maceió: EDUFAL, 2009.**

**NARO,Anthony Julios. Garimpo das origens do português brasileiro/ Anthony Julios Naro, Maria Marta Pereira Scherre [organização] – São Paulo : Parábola editorial, 2007.**

NARO, A. J. ; SCHERRE, M. M. P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

PESSOA DE CASTRO, Y. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salv. (Org.). Pasta de textos da professora e do professor. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005. Disponível em: <http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. Acesso em 13 de dezembro de 2010.

SALGADO, S.S. A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da Comunidade Quilombola Muquém – AL: Estudo Sócio-Histórico Linguístico. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006 [1968].

<http://www.livrariacultura.com.br/imagem/capitulo/3110467.pdf>.

Acesso em 13 de dezembro de 2010, as 13h29min.